

# ENTREVISTA ANA LUISA ESCOREL

Um começo tardio, mas aplaudido. A estreia de Ana Luisa Escorel na literatura de ficção já nasceu premiada. Seu romance *Anel de vidro*, publicado pela editora Ouro sobre Azul, que ela mesma criou, ganhou, ano passado, o Prêmio São Paulo de Literatura. Foi a primeira mulher a receber a láurea, no valor de 200 mil reais.

No meio intelectual, Ana Luisa dispensa apresentações. Mas, vale evocar suas origens: é a filha mais velha de Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza, dois grandes nomes do ensaísmo e da crítica literária. Com décadas de experiência em *design* gráfico, área que “atende em parte sua necessidade de expressão”, Ana Luisa parece ter encontrado na autoria literária pleno apaziguamento. À vontade de experimentar com a linguagem gráfica, somou seu desejo de aplacar “uma espécie de agonia surda, latente e contínua” – consumado pela escrita. E, em sua sétima década de vida, as palavras começaram a prevalecer sobre a forma.

Ao *sobreCultura*, ela conta como escrever transformou – e ainda transforma – sua vida.

Entrevista concedida a Alicia Ivanissevich | *sobreCultura* | RJ |

Você tem uma longa carreira dedicada ao *design* gráfico e é, inclusive, uma das pioneiras na área no Brasil. A ideia de se aventurar como escritora é antiga ou recente? Por que essa vontade se manifestou tardiamente?

Até muito recentemente a ideia de ser escritora jamais havia passado pela minha cabeça. A inquietação surgiu a partir do lançamento de *O pai, a mãe e a filha*, em abril de 2010, e da resposta inesperada ao livro. E aí talvez se possa traçar um paralelo curioso com a atuação no *design* gráfico onde, de forma inversa, meus projetos me parecem ser vistos com certa reserva: o que faço não tem muita sintonia com o mercado, de modo geral, e meus clientes sempre foram pessoas ou empresas atípicas, abertas a uma certa experimentação, que é o que me interessa e tento praticar com a linguagem gráfica. Por isso mesmo, desde o começo da vida profissional, meu terreno de atuação foi basicamente o da cultura, onde a liberdade de expressão costuma ser maior.

Acontece que, logo depois de publicar *Brochura brasileira: objeto sem projeto* (1974) e *O efeito multiplicador do design* (1999) – tentativas de reflexão sobre o *design* gráfico, no Brasil – percebi, com certo espanto, que meu perfil havia incorporado novas e melhores tintas graças a eles e apenas a eles, apesar do desempenho continuado como projetista gráfica por anos a fio. Em vista disso e considerando a circunstância de ter me voltado tão intensamente para a escrita literária, de uns tempos para cá, acabo sendo levada a conviver com a possibilidade de estar mesmo fadada ao texto já que, até no campo profissional de origem, o que tem distinguido minha atuação são os textos, não os projetos!

Por outro lado, essa atenção recente que vem sendo dada a meu nome, desde novembro último e do Prêmio São Paulo de Literatura, é uma experiência nova para alguém habituada ao anonimato de uma profissão absolutamente secundária, em nosso país, que ninguém sabe direito o que é nem do que trata.

Embora *Anel de vidro* não seja o primeiro livro que escreveu, ele pode ser considerado seu primeiro romance. O que a levou a passar de um relato mais biográfico, como em *O pai, a mãe e a filha*, para um mais ficcional? Ou há no livro traços biográficos entremeados com ficção?

Não me parece que possa existir nenhum texto ficcional, desde que o romance se impôs como gênero literário, no qual invenção, observação e memória deixem de figurar contaminando-se mutuamente ao longo de qualquer narrativa. Ocorre que a dosagem desses três fatores se alterna de texto para texto de maneira que em, certos romances, a memória conta mais que a invenção; em outros é a invenção que domina; e em outro grupo, ainda, é a observação que vai organizar as linhas básicas do texto. Não esquecendo as situações em que estes três ingredientes se misturam atuando com pesos equivalentes em uma mesma história.

No meu caso, feita a experiência com uma narrativa apoiada na lembrança, no segundo livro achei de testar a escrita num terreno absolutamente novo: o da invenção literária. Ainda a esse respeito, em *O pai, a mãe e a filha* o universo em que a ação se situava descrevia um mundo muito particular, original, mesmo, enquanto *Anel de vidro* se desenvolve em torno do que há de mais surrado tanto na vida cotidiana quanto na tradição da literatura de ficção do Ocidente: o tema da infidelidade conjugal. Então me pareceu que se eu conseguisse dar interesse a um texto construído em torno de um assunto desses, talvez estivesse, de fato, pronta para escrever. Em outras palavras, *Anel de vidro* funcionou como teste de escrita e se *O Pai, a mãe e a filha* é conduzido pela memória, *Anel de vidro* repousa basicamente na invenção e na observação.

Em *Anel de vidro*, a história de dois casais e o relacionamento extraconjugal de um deles é contada a partir dos quatro envolvidos. Essa forma de relato é pouco frequente na literatura e, de certa forma,



FOTO ZECA GUIMARÃES

inovadora. Você se inspirou em algum autor, ou foi uma ideia original sua?

Para o artista, a graça é inventar. Por isso soa curiosa essa dúvida, recorrente, aliás, em entrevistas com ficcionistas, quando as intuições estéticas assumidas por uma determinada narrativa frequentemente são vistas como possíveis reflexos ou mesmo reproduções de outras, expressas antes delas por outros autores.

A estrutura de *Anel de vidro* surgiu a partir do momento em que ficou claro o propósito central do livro: fazer com que a mesma situação fosse vista de maneiras diferentes pelos personagens envolvidos: dois casais, quatro pessoas portanto, duas delas levadas, pelas circunstâncias, à infidelidade no casamento. Nesse quadro, o que o romance tenta fazer é tornar legítimas quatro vivências de uma mesma situação, cada uma delas decorrente da maneira de ser de seu personagem.

Ao me decidir por essa forma de compor, lembrei de um filme de que gosto muito, *Rashomon*, de Akira Kurosawa, que adaptou o roteiro de um texto do escritor japonês, nascido no século 19, Ryunosuke Akutagawa, no qual as quatro ou cinco testemunhas de um mesmo crime o reproduzem de formas completamente diferentes demonstrando a extrema fluidez, a precariedade, mesmo, daquilo que costumamos entender por realidade objetiva.

Seu livro anterior, *O pai, a mãe e a filha*, reúne lembranças de sua infância e está escrito da perspectiva de uma menina. Como surgiu a ideia de escrever as memórias desse capítulo de sua vida a partir da voz de uma criança?

Aqui também o partido narrativo surgiu rápida e naturalmente. Nunca pensei muito nas razões que me levaram à decisão de contar a história pelo prisma de uma menina. Me pondo a refletir, no entanto, a

partir de sua pergunta, talvez possa aventar a hipótese de que tenha sido porque seria mais fácil, através dela, dessacralizar a lembrança. Nos escritos memorialísticos muito frequentemente existe uma certa necessidade de proteger pais, avós, bisavós, o ambiente familiar, como um todo. Alguns autores chegam ao extremo de inventar para si um passado absolutamente fictício com vistas a dourar os brasões, digamos assim. O ponto de vista da criança, no entanto, sendo completamente descarnado, permite maior objetividade, protegendo o escritor do risco dessa autoinvenção.

**A criação da Ouro sobre Azul é anterior a seus livros, e a editora é, de certa maneira, familiar: boa parte dos títulos é de autoria de parentes e conhecidos seus. O que motivou a criação da editora? Como é feita a escolha das publicações? Você acredita que teria tido dificuldade em se lançar como nova autora, caso não tivesse uma editora própria?**

A Ouro sobre Azul, iniciativa que une a atividade de projeto e a atividade da edição de livros em uma só empresa, surgiu quando percebi que o tipo de *design* que eu fazia – de cunho mais autoral – estava perdendo espaço no mercado brasileiro e, portanto, era preciso encontrar uma alternativa de sobrevivência. A solução foi trazer para junto da prestação de serviços em *design*, a atividade editorial.

Quando definimos o setor editorial da Ouro sobre Azul a intenção era fazer dele um canal para autores e textos de qualidade, pouco conhecidos ou francamente desconhecidos do público e da crítica. Essa tendência permanece e por isso temos editado tudo o que nos parece bom independentemente da notoriedade do autor – ou ausência dela –, passando ao largo da circunstância da obra ser inédita ou ter sido escrita décadas atrás. O que interessa à editora é a qualidade, não a novidade: qualidade de conteúdo, qualidade editorial e qualidade gráfica.

Com esse propósito temos trazido a público muita coisa que estava escondida nas gavetas mas merecia sair delas para ser divulgada. Como venho de um grupo familiar ligado ao mundo intelectual – pais, irmãs, primos, tios, sogro, marido – ao qual se somam também os amigos, acabo me voltando para pessoas com quem convivo ou convivi, cujo valor identifico, mas que, pelas mais diferentes razões, ou não estão sendo, ou jamais foram tocados pela possibilidade de apreciação do leitor.

No caso particular da obra de Antonio Candido, quando o setor editorial da Ouro sobre Azul começou, ela estava completamente dispersa, muitos dos títulos fora de catálogo e sem perspectiva de reedição. Resultado, os estudantes de literatura contornavam a falta ora pedindo livro emprestado a seus professores, ora indo atrás de cópias clandestinas. Sendo o único autor conhecido ao qual a Ouro sobre Azul se dedicou de maneira mais sistemática, não fosse um trabalho contínuo de reedição,

com cuidadosas revisões do próprio autor, estudantes e universidades estariam sem acesso a um pensamento certamente importante para os estudos literários em nosso país.

Quanto à publicação de meus textos de ficção por outra editora, caso a Ouro sobre Azul não existisse, não me parece que encontraria entraves maiores, se posso me permitir, aqui, uma afirmação deste teor, entrando pelo terreno da franca pretensão. Mas me agrada a ideia de continuar senhora de todo o processo: da escolha do original à distribuição dos livros, passando pela edição, com tudo o que ela implica, inclusive a fabricação industrial.

**Você chegou a mostrar o livro para mais alguém além de seu pai antes da publicação? Sentiu alguma insegurança ao se lançar em um terreno relativamente novo para você?**

Antes de lançá-lo mostrei *Anel de vidro* para Walnice Nogueira Galvão e para Armando Freitas Filho, que fizeram observações importantes, praticamente todas incorporadas ao texto.

Quanto a ter insegurança no terreno novo, não sei se é este exatamente o sentimento que me assalta. Sinto uma coisa aparentada com isto, mas que não é isto: certa incapacidade de avaliar se o que está sendo escrito tem algum valor. De maneira completamente diversa do que costuma ocorrer com o projeto gráfico, em relação ao qual sei bem quando estou fazendo alguma coisa boa e quando não estou e preciso mudar o rumo. Com o texto isso não acontece. Talvez porque, ao contrário do que ocorre com o *design*, onde sou veterana, na ficção literária não passo de principiante e, por isso mesmo, ainda não juntei os instrumentos necessários à autoavaliação.

**Quais são seus autores preferidos?**

Os autores de que mais gosto são Rubem Braga, Eça de Queirós e Machado de Assis, principalmente dos contos; do Guimarães Rosa anterior ao *Grande sertão: veredas* porque, este, jamais li; Sófocles, Shakespeare e do Thomas Mann das histórias curtas. Gosto muito também das obras poéticas de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira.

Recentemente tive uma experiência extremamente enriquecedora com a leitura de *O leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, um romance histórico quase perfeito que, infelizmente, decai no fim, depois do episódio do baile.

Mas, acima desses todos, minha predileção recai no Marcel Proust de *Em busca do tempo perdido*, livro absolutamente notável apesar da prolixidade em que mergulha com alguma frequência.

**Como é seu dia a dia hoje? Como alterna as atividades de *designer*, editora e escritora? Como elas dialogam entre si?**

A maior parte do tempo é dedicado a administrar a Ouro sobre Azul nos seus di-

ferentes aspectos e necessidades, tentar fazer com que sobreviva aos entraves próprios de uma pequena empresa, no Brasil, mais especificamente de uma pequena empresa da área editorial que escolheu a qualidade como meta, em um ambiente em que tendem a predominar outros aspectos do produto, não este.

No dia a dia a atividade editorial e a atividade do *design* gráfico são incessantes e convivem em pé de igualdade com a função de administrar a empresa. As três se interpenetram o tempo todo e a minha formação de desenhista industrial tem sido vital para ajustá-las fazendo com que integrem um processo que, embora complexo, está perfeitamente controlado graças, justamente, aos recursos técnicos que pude trazer da minha profissão de origem.

Quanto ao tempo que tenho tido para escrever, isso já é mais complicado: me sobram os feriados, os fins de semana, pouca coisa antes de dormir e, pouca coisa de manhã, antes de ir para a Ouro sobre Azul. Quer dizer, me aproprio de qualquer brecha que se apresente sempre que estou em casa.

**Soube que está trabalhando em um novo livro. Ele tem alguma semelhança com os anteriores? Pode nos adiantar do que se trata?**

O novo livro não tem nenhuma semelhança com os anteriores, assim como *Anel de vidro* não tem nada a ver com *O pai, a mãe e a filha*: decididamente não tenho tendências monotemáticas! Um traço comum aos dois já escritos e a esse que está em curso é o apego a épocas já passadas. Em vista disso me coloquei como desafio escolher, para o próximo, um tema que me obrigue a viver literariamente neste começo do século 21.

No momento trabalho em um romance passado em meados do século 19 e que, apesar de ir e voltar no tempo ao longo de toda a narrativa, é deflagrado por um episódio histórico ocorrido no ano de 1842: a revolta liberal em Minas Gerais.

O personagem central é uma mulher de classe dominante, presa e isolada por cerca de dois meses em uma solitária pelo fato de ter conspirado contra o poder constituído, D. Pedro II à frente.

**Como a escrita transformou sua vida?**

Transformou muito em muitos sentidos. *O pai, a mãe e a filha* e *Anel de vidro* apaziguaram a necessidade de expressão que nasceu comigo, à qual a autoria literária atende de forma plena e o *design* gráfico atendia apenas em parte, me condenando a uma espécie de agonia surda: latente e contínua. Por outro lado, a escrita aumentou certa tendência ao isolamento, sempre presente e agora agravada com base na desculpa de que todo o tempo de que disponho precisa ser dedicado a ela porque comecei tarde e não são tantos assim os anos que tenho pela frente.